

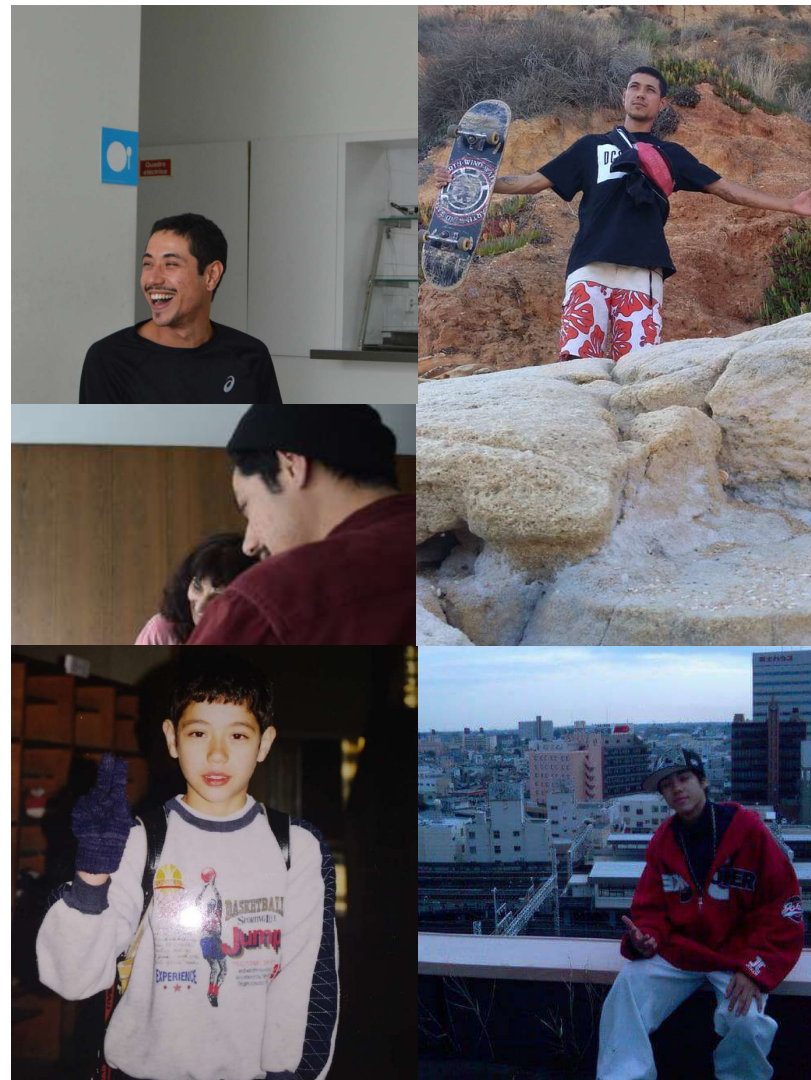


# HISTÓRIA ALEX SANDER BRASIL

## *Um pouco de história...*

Natural de São Paulo, no Brasil, Alex tem uma longa história de imigração. Já os seus bisavós, avós e pais tinham migrado para o Japão.

Alex viveu no Japão dos sete aos dezassete anos, antes de regressar ao Brasil com os pais. Lá, morou na sua própria casa uns tempos. Com planos de se mudar para o estado de Rio de Janeiro, decidiu atravessar a costa brasileira com um amigo, de bicicleta - mas a meio, mudaram de ideias e apanharam um avião para a Europa, onde ficaram seduzidos por Portugal. Alex mudou assim o rumo da sua vida, escolhendo tornar a sua estadia em Portugal (muito) mais permanente.





# O país de destino

Alex chegou a Portugal acompanhado de um amigo. ***“Dia 22 de maio de 2019. Até conferi no carimbo do passaporte”,*** ri-se.

A história de como os dois se decidiram a vir morar para este país é cheia de surpresas e espontaneidade. Tudo começou com uma longa viagem de bicicleta. ***“Antes de vir para aqui eu estava com planos de me mudar para o estado vizinho, Rio de Janeiro. E antes de fazer essa mudança decidi fazer uma viagem pelo litoral com o meu amigo, de bicicleta...estavam previstos quatrocentos quilómetros de pedalada!”***. Porém, a meio do longo percurso pela costa brasileira, decidiram mudar de rumo. ***“Estávamos com mais vontade de vir para a Europa; e na verdade já fazia uns anos que eu pensava nisso, mas com o projeto de me mudar para outro estado, decidi deixar essa ideia para mais tarde.”***

A vontade de descobrir a Europa nasceu da paixão que unia os dois amigos: o skate. ***“O skate foi a razão principal da nossa visita a Portugal – e com a facilidade da língua, que é a mesma, víamos muitos vídeos de skate portugueses, e foi daí que surgiu a vontade.”***

*Storytelling | Histórias que unem pessoas*





# Chegada a Portugal

---

Assim, tendo já deixado a sua casa em São Paulo, Alex regressou diretamente das praias para a casa dos pais, para avisá-los da sua partida para outro continente. **“E também porque eles vivem muito perto do aeroporto, era mais fácil para apanhar o avião”**, comenta, rindo.

Foi a chegada a Portugal que mudou tudo para Alex. Passados dois meses a descobrir a comunidade de skate portuguesa e mais um a explorar o país, ficou encantado. **“Desenvolvemos uma ligação com as pessoas, com os lugares, levantamos umas bandeiras nacionais com o grupo de skate, e esse movimento inteiro fez com que quiséssemos ficar cá.”**

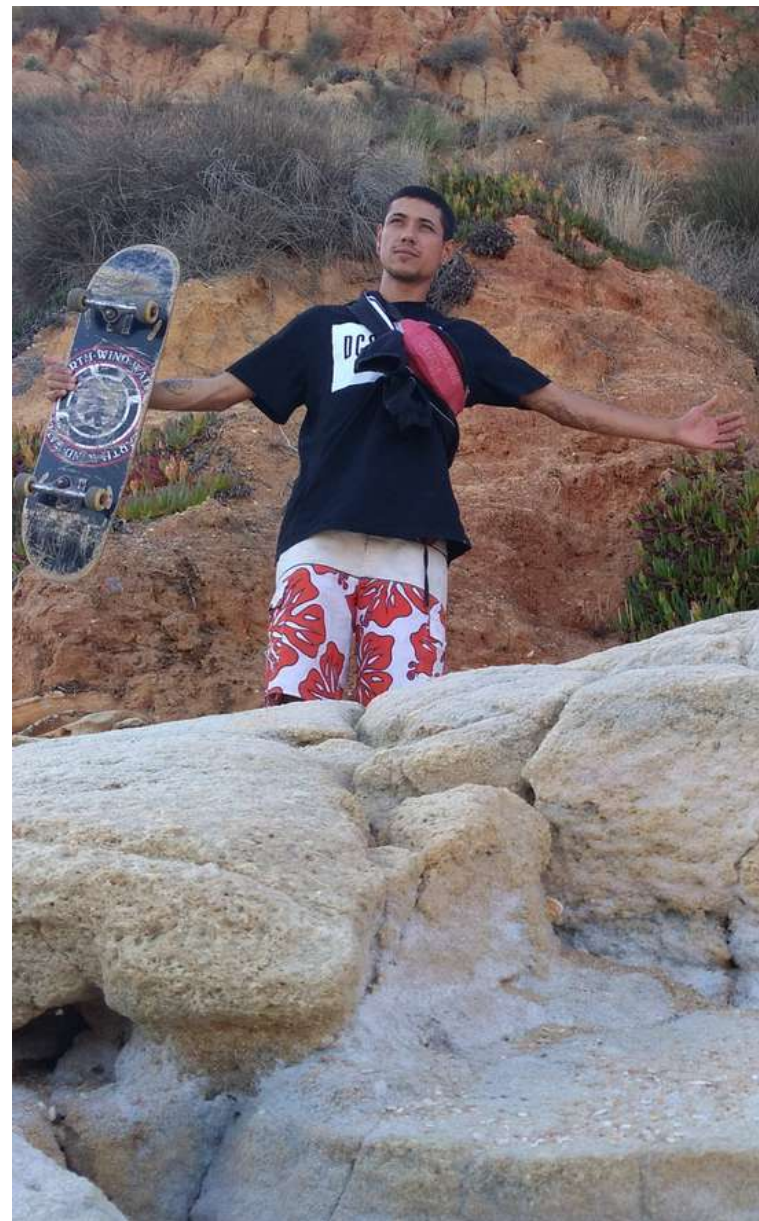
E assim foi: quatro meses mais tarde, Alex abandonou os planos de se mudar para o estado de Rio de Janeiro e conseguiu autorização de residência em Portugal.



## Criar laços: a felicidade de um lugar

Alex reconhece que sem a socialização, não teria tomado a decisão de ficar. ***“Às vezes uma pessoa vai viver para um país por razões monetárias, fica no país o tempo que precisa, até juntar o dinheiro de que precisa, e depois vai-se embora sem nenhuma amizade. Um lugar muito bonito, muito rico, mas sem amigos torna-se num lugar muito triste. Foi realmente o facto de termos sido bem recebidos, conseguirmos desenvolver amizades, e continuarmos nesse ritmo de nos relacionarmos com as pessoas e com os lugares: só assim é que sentimos que estamos mesmo a viver.”***

Sublinha que a facilidade de comunicação foi um fator importante: ***“Isto do idioma ser igual nos dois países facilita muito as coisas. Podia ter ido para outro lugar, como a França, mas tinha tido mais dificuldades em fazer amizades como as que fiz aqui por causa da barreira da língua.”*** Alex dá o exemplo dos seus pais. ***“Eles próprios têm uma longa história de imigração, já ficaram mais de vinte anos fora do país. Por isso é que reagiram tão bem à minha partida para a Europa”,*** explica. ***“Migraram para o Japão, como já fizeram os meus avós e bisavós. Mas estavam lá para trabalhar, e tinham poucos amigos, que eram sobretudo parentes que se encontravam na mesma situação. E era a língua portuguesa que os unia, no fundo.”***





# Comunicação

## Melhor compreender

---

De facto, a comunicação é um elemento chave para a integração noutra país. Alex ficou impressionado com a facilidade que os Europeus tinham para comunicar uns com os outros.

***“Num país asiático onde o inglês é muito raro, você tem de estar consciente de que ou fala a língua local, ou sofre para criar ligações. Mas na Europa, mesmo que você não fale a língua local, que seja o holandês, o alemão, etc. você consegue sempre usar a segunda língua que é o inglês. Mesmo que não seja um profissional de turismo; pode até ser uma criança! Há muitas mais pessoas a falar inglês. Aí está a maior diferença – na Europa universalizou-se mais a comunicação. E vê-se que afinal a globalização chegou pouco aos outros continentes.”***



## Movimento crescente

### Novas gerações de migrantes, um novo significado de “casa”



*“Uma coisa que está a acontecer cada vez mais é famílias serem contratadas no seu país de origem para trabalhar noutra país. Por exemplo, o Brasil tem falta de médicos, e então têm um acordo com os médicos Cubanos. Vários países exportam muitos profissionais, e são famílias inteiras a deslocar-se com o propósito de fazer uma carreira profissional. Cada vez mais, com o avanço da tecnologia, as pessoas são contratadas remotamente, por videoconferência.”*

No entanto, isso não impede o movimento crescente de pessoas em todo o mundo - especialmente, de acordo com Alex, para novos empregos.

E com este fluxo demográfico global, cada vez mais famílias vivem longe do seu país de origem – algo que é particularmente impactante para as crianças que crescem, aprendem e formam laços num país que não é “o deles”.



# Nova geração de migrantes

---

Essa “nova geração de imigrantes” é aquela que não escolheu crescer num país que não o seu; mas que não quer voltar. Foi assim que Alex, que chegou ao Japão com sete anos de idade, viveu a maior parte da sua juventude.

***“Os meus pais queriam voltar para o Brasil. Queriam que eu visse as minhas origens, as pessoas que foram importantes para eles e para mim enquanto pequeno, mesmo que eu não me lembrasse: um avô, uma avó, um tio... eu não tinha contacto quase nenhum com eles. Eu não sabia porque é que os meus pais eram diferentes dos pais dos meus amigos. Passei dez anos no Japão, e quando os meus pais quiseram voltar já tinha eu 17 anos, amigos, uma namorada, e nessa idade não se pensa em muita coisa. Não se preocupa forçosamente em ter um futuro melhor.”***



# Preconceitos

## A importância do conhecimento do próximo

Quanto ao acolhimento português, Alex ficou satisfeito:

*“Está a ser muito positivo, uma das melhores receções que conheci. Claro que tem altos e baixos: dá um ar de paraíso, mas enfrentamos ainda vários problemas de preconceitos.”*

E acerca desses preconceitos, adota uma atitude compreensiva. *“Acho que por não conhecer o outro, as pessoas podem ficar com o receio de uma espécie de invasão do seu espaço – é natural. O nosso país, as ruas, são uma extensão da nossa casa, e é bom nós termos um certo respeito pelo lugar onde vivemos.”*

Admite ainda ter desenvolvido, em certas ocasiões, preconceitos e julgamentos prematuros quanto a outras pessoas:

*“Quantas vezes eu me encontrei a ser o carrasco numa situação destas por falta de conhecimento da realidade profunda...e quando a gente descobre até fica chateada, “puxa, andava eu aí com todos esses pensamentos... nem sabia o início do ABC e já queria estar a dizer Z.”*







# Imigrante ou não imigrante

---

***"Faz falta as pessoas perceberem que os imigrantes não vêm em agressão ou em invasão do espaço, mas sim para o complementar, para agregar alguma coisa. Não para tirar o trabalho a alguém, mas sim para resolver uma carência, uma falta. Às vezes as empresas ficam anos sem conseguir avançar por não terem pessoal com as competências necessárias, e aqueles que chegam veem os imigrantes como salvadores. Mas nem todos temos essa visão, e é um problema geral."***

E é precisamente esse conhecimento do próximo, essa compreensão de cada indivíduo como uma pessoa à parte que faz toda a diferença na nossa atitude para com os outros.

***"É meio clichê, mas imigrante ou não imigrante, todos temos uma história. O humano é nômada por natureza, sai de casa dos pais, forma um casal... a vida humana é cheia de altos e baixos, de idas e vindas. Quando se olha para alguém, independentemente da origem, da raça, da religião, tem de se pensar que se trata de uma pessoa, de um ser humano. Não importa se não concordamos com os seus costumes, com o seu modo de vida; cada um vive segundo os seus princípios, as suas ambições e os seus sonhos. Problemas como o racismo acontecem na maioria por essa razão: por falta de saber. Cada um de nós é uma caixinha de vários pensamentos, experiências...temos de nos respeitar a nós e aos nossos próximos como seres humanos."***



E depois?

*"Na minha opinião,  
a imigração é um  
direito humano."*

“Por mais encantado que esteja com Portugal e com os portugueses, Alex não tem a intenção de se enraizar em lugar nenhum – pelo menos, por enquanto.

***“Quero continuar a mexer-me. Já que saí mesmo do lugar de origem, quero aproveitar. O meu objetivo se calhar não é o dos meus pais, quero conhecer mais lugares, mais pessoas. Neste momento estou a dar mais importância a isso. Quero envelhecer no Brasil, mas não exclui a minha vontade de ir para outros lugares.”***

Adiciona uma última visão de um mundo ideal: ***“É justo podermos andar livremente, sermos cidadãos de um mundo livre. Para mim, é assim que deve evoluir o mundo. As barreiras e os limites do mundo não são uma decisão democrática. Quem votou para passaportes, barreiras, fronteiras e isso? Na minha opinião, a imigração é um direito humano.”***

*Storytelling*  
*Histórias que unem pessoas*  
Centro Comunitário São Cirilo

WWW.SAOCIRILO.PT  
GERAL@SAOCIRILO.PT  
228 348 460